

O fim dos 'ismos' ?

JAIME PINSKY

Em matéria de democracia o Brasil nunca pecou por excesso. Colônia de Portugal por mais de trezentos anos, foi vítima do despotismo não ilustrado dos monarcas lusitanos que trouxeram para cá mais burocracia do que tecnologia. Temerosos que a rentável colônia produzisse de forma autônoma sua própria elite, a coroa portuguesa, ao contrário do que os espanhóis fizeram na "sua" América, não criou por aqui nem mesmo uma única universidade, obrigando que alguns bem nascidos daqui fossem obrigados a buscar em Coimbra o saber rançoso que se ensinava por lá. Já naquela época o poder estava vinculado ao controle de informações e a metrópole decadente queria que sua colônia enviasse produtos e fornecesse serviços mas não promovesse a circulação do saber.

Ao se tornar sede do reino, após a famosa vinda da família real portuguesa, em 1808, o Rio de Janeiro, especialmente, é beneficiado com a criação de bibliotecas, gráficas e jornais, o que permite que um círculo um pouco mais amplo tenha acesso a informações. Mesmo assim, o grito de independência não tem intensidade suficiente para tirar o país do berço esplêndido no qual se encontrava deitado.

Numa inversão que nos tem custado muito caro, foi criado o Estado sem que tivéssemos ainda uma Nação.

Noutras palavras: organiza-se uma estrutura política sem que ligações privilegiadas de língua, cultura e mercado estivessem consolidadas. Por conta disso, o poder regional, livre de Portugal, se afirma em detrimento do poder central, a ponto de Caxias e outros militares terem sido chamados para, a ferro e fogo garantirem a unidade nacional, ou melhor a unidade do Estado.

O poder regional resiste ao 15 de novembro, e a Primeira República se caracteriza exatamente pela valorização dos "coronéis". A relação de dependência e lealdade entre senhores e peões era tão profunda que levou muita gente boa a falar de relações feudais ou semi-feudais no Brasil pós-escravista... Enquanto nos Estados do sul a industrialização e a vinda de levas maciças de imigrantes passou a exigir novas relações entre

patrões e empregados – mediadas pelo capital, não por relações de lealdade –, em outras regiões, como o norte de Minas e o Nordeste o voto de cabresto se mantém e resiste até à revolução de 1930, movimento realizado com o fim explícito de acabar com o poder regional e integrar o País.

É claro que esta é uma passada de olhos muito rápida, que, como toda generalização, corre o risco de cometer erros de avaliação. Bem depois da revolução de 1930, ainda tínhamos em São Paulo partidos regionais como o PSP de Adhemar de Barros e líderes carismáticos como Jânio Quadros. Por sinal, durante bastante

tempo, adhemarismo e janiismo se contrapuseram ferozmente, como costuma acontecer com grupos parecidos.

Enquanto isso, dentro dos melhores moldes do caudilhismo gaúcho, o getulismo voltava em 1950 com um discurso nacional populista que não se modernizou nem um pouco na boca de seus êmulos, como Leonel e o brizolismo (embora essa corrente fosse um pouco tropicalizada ao trocar os pampas pelas praias cariocas e Alberto Pasqualini por Darcy Ribeiro).

Por que temos tido tão poucos partidos programáticos e, em troca, tantos ismos de caráter puramente personalista? Imagino

**Aos poucos,
os eleitores
passarão
a exigir
programas
claros**

que isto ocorra por ser a nossa democracia formal ainda muito nova. Aos poucos, os eleitores passarão a exigir dos candidatos programas claros e não aceitarão mais votar em padrinhos, pelo menos para os cargos majoritários.

Antonio Carlos Magalhães e o carlismo constituem, desta ótica, um anacronismo histórico flagrante. Um exemplo claro é a globalização: se, do lado negativo, trouxe desde o aumento da dependência externa à música de péssima qualidade (para a qual, aliás, temos dado ultimamente nossa entusiástica colaboração), por outro lado passou a exigir, tanto das empresas privadas, como das estruturas de poder, mais eficácia e transparência. Eficácia e transparência que se contrapõem, claramente, a políticos personalistas e demagogos, a truculentos que vertem lágrimas de crocodilo para seduzir os incautos. Não dá mais para suportar. Bye, bye, ACM.